

Construção civil não vai ser fácil de ser reativada

SÃO PAULO — Há quem diga que, ao chegar numa cidade, basta observar o movimento da construção civil para tomar o pulso de sua economia. Guardadas as devidas proporções, o comportamento desse setor é semelhante ao das bolsas: antecipa as condições da economia.

Foi assim na década de 70, quando as obras marcaram a exuberância do *milagre econômico*. Ocorreu o mesmo nos anos de 1986 e 1987, quando o *boom* imobiliário respondeu às promessas do Plano Cruzado, recuperando o prejuízo da recessão de 1982/83, mas sem recuperar o fôlego da década anterior. Quando o cenário sugeriu dias difíceis pela frente, em março de 1990, o setor também mudou o rumo.

“Esta é a recessão mais forte na história do Brasil”, diz Victor Faroni, diretor-presidente da Método Engenharia. Quando Collor assumiu o governo, a construção civil empregava quase 1,2 milhão de empregados. Confisco dos ativos financeiros, falta de verbas para habitação e saneamento básico fizeram com que esse contingente caísse para pouco mais de 825 mil pessoas. Apesar de os métodos clássicos de reaquecimento quase sempre começarem pela construção civil, não será fácil reativar o setor.